

Clube | Património Cultural

Cara ou coroa?

O Benfica viu gorada a sua aspiração europeia por lhe ter calhado a face errada da moeda.

ANTÓNIO PINTO | TEXTO

Na temporada 1969/70, o Benfica, após ter eliminado o KB Copenhaga na 1.ª eliminatória da Taça dos Clubes Campeões Europeus, defrontou o Celtic. Na 1.ª mão, os “encarnados” deslocaram-se à Escócia e foram surpreendidos, sendo derrotados por 3-0. Ainda assim, os adeptos confiavam que os benfiquistas dariam a volta ao resultado em casa.

Contudo, o trevo de quatro folhas do símbolo dos escoceses parecia estar a captar toda a sorte para o seu lado. Dias antes do jogo da 2.ª mão, ficaram confirmadas as ausências de Humberto Coelho e Torres, por lesão. E no dia da partida, a 26 de novembro de 1969, Eusébio estava com “39 graus de febre”, a implorar para jogar. O treinador do Benfica, Otto Glória, fez-lhe a vontade. O “Pantera Negra” abriu o marcador, mas saiu ao intervalo, quando os benfiquistas venciam por 2-0. No segundo tempo, Diamantino aumentou a vantagem, igualando o resultado na eliminatória. O encontro foi para prolongamento, sem que alguma das equipas alterasse o placard.

Desta forma, foi necessário recorrer-se à moeda ao ar para se apurar o vencedor. Na cabine do árbitro holandês, Laurens Van Ravens, a moeda foi lançada uma primeira vez, para se saber quem teria direito a escolher o verso da moeda para a decisão

do clube vencedor, e a sorte sorriu ao Celtic. O capitão dos escoceses, Mc Neill, optou pelo mesmo lado, o que deu alguma esperança a Coluna, “que ficou convencido de que o Benfica seria o apurado pois não acreditava que voltasse a cair do mesmo lado da moeda”. A verdade é que, na escolha entre verde e encarnado, a sorte teimava em optar pelo verde, saindo a mesma face da moeda.

A eliminação gerou enorme insatisfação tanto na comitiva do Benfica como na imprensa nacional. Eusébio vociferou: “moeda ao ar... que hei-de dizer? Mais uma vez, fomos eliminados num prolongamento. Mas... não foi pelo jogo. Foi por uma «estúpida» moeda”. Fernando Cabrita criticou este método: “no Benfica, esta época, foi na «Taça de Honra», no ano passado, foi na «Ribeiro dos Reis». Acabem com isto» da moeda ao ar”. Mário Zambujal corroborou com a ideia de se pôr termo a essa prática, principalmente numa competição com “grandes interesses financeiros”, afirmando “que o Benfica perdeu por ter escolhido a face errada. Que o Celtic ganhou por ter apostado na outra. Talvez poucas vezes tenha acontecido, mesmo em Monte-Carlo ou Las Vegas, jogar-se assim, numa fracção de segundo, uma tal fortuna”. As críticas a este método surtiram efeito e, a 5 de maio de 1970, a UEFA aboliu esse sistema das suas competições. Assim, Benfica e Spartak Trnava, que tinha sido eliminado no mesmo dia que os “encarnados”, foram os últimos clubes a perderem na moeda ao ar. Saiba mais sobre esta competição europeia na área 12 - Honrar o País no Museu Benfica - Cosme Damião. ●



Aconteceu



A história faz-se todos os dias

O momento que estamos agora a atravessar é único, ninguém pode negar que vivemos tempos nunca antes vividos. Nessa perspetiva, o Património Cultural do Sport Lisboa e Benfica iniciou um processo de recolha de objetos que considera importantes para retratar este período tão marcante na nossa história. O facto do Campeonato Nacional de futebol ter sido interrompido pela primeira vez desde a sua criação, na época 1934/35, é de extrema importância histórica, algo que nem a II Guerra Mundial foi capaz de fazer. É a nossa responsabilidade e dever recolher peças que nos darão bases para falar sobre este acontecimento no futuro e, nesse senti-

do, desafiámos o Futebol Profissional a contribuir para essa missão. A resposta foi positiva e pronta: na figura do nosso capitão Jaridel, foi doada ao nosso acervo uma camisola autografada do seu primeiro treino no Benfica Campus após este período de quarentena. E não vamos ficar por aqui, outros objetos se juntarão a este para completar a narrativa da época que atravessamos. Temos a certeza de que, em breve, o desporto e a festa de futebol estarão de regresso às nossas vidas. Até lá enfrentamos o desafio do presente com segurança e responsabilidade, sem esquecer a nossa maior função: garantir que a memória nunca se apague!